



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

**LAYSE RANIELLE DA SILVA NASCIMENTO**

**O SABOR AÇAÍ DA DANÇA *BREAKING***

BELÉM – PA  
2016

**LAYSE RANIELLE DA SILVA NASCIMENTO**

**O SABOR AÇAÍ DA DANÇA *BREAKING***

Monografia de conclusão de curso apresentada à Escola de Teatro e Dança da UFPA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M. Sc<sup>a</sup>. Luiza Monteiro e Souza.

BELÉM – PA  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

LAYSE RANIELLE DA SILVA NASCIMENTO

**O SABOR AÇAÍ DA DANÇA *BREAKING***

Monografia defendida e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.  
Conceito:\_\_\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> M. Sc<sup>a</sup>. Luiza Monteiro e Souza  
Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Flávia Mendes Sapucay  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> M. Sc<sup>a</sup>. Ana Rosângela Colares Lavand  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM – PA  
2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Biblioteca do ICA/UFPa, Belém – PA**

Nascimento, Layse Ranielle da Silva

O sabor açaí da dança *breaking* / Layse Ranielle da Silva Nascimento;  
orientadora Prof<sup>a</sup>. M. Sc<sup>a</sup>. Luiza Monteiro e Souza. 2016.

Monografia de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) – Universidade  
Federal do Pará, Instituto de Ciência da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso  
Licenciatura em Dança, 2016.

1. Hip Hop. 2. *Breaking*. 3. Sabor. 4. Dança. 5. Dança e Educação I. Título.

CDD -

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes ao acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura \_\_\_\_\_

Local e Data \_\_\_\_\_

Ao meu Deus poderoso, toda honra e glória.

## Lista de Figuras

Figura 1 – B.boy Kmarão executando um <i>footwork</i> .....	17
Figura 2 – B.boy Kekeu executando um <i>top rock</i> .....	20
Figura 3 – B.boy Cray-z executando um <i>freeze</i> .....	22
Figura 4 – B.boy Kleber executando power move.....	25
Figura 5 – Logomarca do Amazon B.boy.....	26
Figura 6 – Logomarca do Kurumim Crew.....	30
Figura 7 – Logomarca do Ananin Breaks.....	30
Figura 8 – Boy Kleber executando um <i>head spin</i> .....	35

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>1 Um <i>footwork</i> na cultura <i>hip hop</i>.....</b>	<b>17</b>
1.1 Um <i>Top Rock</i> na cultura hip hop no Brasil.....	20
1.2 Um <i>Frezze</i> no <i>breaking</i> em Belém.....	23
<b>2 Um <i>Power Move</i> no Amazon B.Boy.....</b>	<b>26</b>
2.1 Kurumim Crew e Ananin Breaks.....	28
<b>3. Um <i>head spin</i> no sabor açaí .....</b>	<b>35</b>
3.1 <i>Flavor</i> : o sabor da dança <i>breaking</i> .....	36
<b>Considerações finais.....</b>	<b>39</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>40</b>

## Agradecimentos

Ao meu Deus, por ter me dado forças em todas as horas que precisei.

À minha família pela compreensão da escolha deste curso.

Em especial à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. M. Sc<sup>a</sup>. Luiza Monteiro e Souza por ter tido toda a paciência comigo. À Prof.<sup>a</sup> M. Sc<sup>a</sup> Rosângela Colares por me guiar nos momentos finais.

À minha amiga Cristiane Pimenta pela ajuda e companheirismo nas horas difíceis.

Ao Amazon B.boy, Kurumim Crew e Ananin Breaks, em especial aos amigos Kleberson Gonçalves, Kleodon Gonçalves, Ivan Pires, André Andrade por terem me ajudado na construção desta monografia.

Ao amigo Márcio Loureiro por me ajudar com as imagens e principalmente por me levar a conhecer os membros do Amazon B.boy.

À minha turma pela força pra com o término deste trabalho: Alissy Maynara, Amанда Silva, Ana Carolina Costa, Andrea Batista, Cristiane Pimenta, Fernando Nunes, Franco Salluzio, Hanna Baptista, Hanna Monteiro, Heloá Tavares, Jessica Azevedo, Kate Paiva, Layani Oliveira, Lilian Raiol, Mayra Silva, Rafael Ferreira, Renan Mattos, Samara Matos, Wagner Monteiro e Willame Dantas.

## RESUMO

Uma sucinta “degustação” sobre o sabor da dança *breaking*. Um questionamento sobre o significado do *flavor* para quem dança e de que maneira pode influenciar no que diz respeito a ser um *b.boy* ou *b.girl*. Dialogando com Fleury (2007), a dança como trabalho e lazer para dançarinos de rua. Alves e Dias (2004), corpos e sentidos no *hip hop*. Duarte Júnior (2000), o sabor do saber por meio da dança. Gariba (2007), a dança como educação.

Palavras-Chave: *Breaking*. Sabor. Dança e Educação.

## ABSTRACT

A brief "tasting" about the taste of breaking dance. A question about the meaning of flavor for those who dance and how you can influence with regard to one or *b.boy b.girl*. Dialogue with Fleury (2007), dance and laser to work as street dancers. Alves and Dias (2004), bodies and senses in *hip hop*. Duarte Junior (2000), the taste of knowledge through dance. Gariba (2007), dance and education.

Keywords: *Breaking. Flavor. Dance and Education.*

## Introdução

Esta pesquisa consiste na tentativa de “degustar”, ou seja, fruir, apreciar o sabor da dança *breaking* (dança que pertence à cultura *hip hop*, que é uma manifestação cultural existente desde a década de 70 nos bairros dos Estados Unidos) no grupo *Amazon B.boy* durante seus treinos e campeonatos.

Cada seção a seguir mostrará uma pesquisa iniciada no final de 2012, ano em que fui apresentada à cultura *hip hop* por meio de amigos da minha turma de graduação na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA). Apesar de ter reproduzido várias coreografias que assistia em vídeos clips no ensino médio, o interesse sobre a cultura *hip hop* deu-se através de visitas aos treinos do grupo de dança *breaking Amazon B.boy*. Confesso que tentei praticar para entender como o meu corpo se adaptaria ao *breaking*, não deu muito certo, por isso parti para a teoria. Afinal, o que era difícil para mim, se tornava mais fácil para eles.

O sabor da dança, ou melhor, o *flavor* (tempero/sabor), apareceu à mim por meio de um trabalho da faculdade, onde pude expressar através de palavras o que havia aprendido sobre a cultura *hip hop*, e com a minha empolgação contaguei a turma e a professora, foi um sinal para dar continuidade a esta pesquisa que acabou chamando a minha atenção e despertando, principalmente, minha curiosidade. Curiosidade esta que me levou a ter ainda mais respeito por àqueles que praticam a dança *breaking*.

Para não ser diferente de outras pesquisas, surgiu a grande pergunta: de que forma o *flavor* se manifesta nos atuantes da dança *breaking*? A partir do que havia lido e conversado com os *b.boys*, ainda assim, não conseguia entender onde o *flavor* se encaixava dentro da dança. Não entendia o fato de algo conter sabor e não poder ser sentido pelo paladar. Foi o que me levou a intensificar a pesquisa, por meio de idas às batalhas (campeonatos), nas conversas e entrevistas com os *b.boys*, aprendi que o *flavor* é tudo o que o dançarino demonstra ser e ter numa batalha, desde o respeito com o adversário e de si mesmo. Portanto, tudo o que é gerado numa batalha, provocação, raiva, alegria, entre outros sentimentos, pode se manifestar em *flavor* no *b.boy*, pode ser o sabor da sua dança.

Me baseando no que assistia nas batalhas, nas conversas com os *b.boys* e no que ouvia a respeito dos fundamentos<sup>1</sup>, percebi o quão sensível um dançarino de *breaking* pode ser. Tudo o que acontece na vida pessoal deles, os mesmos tentam transformar aquele sentimento bom ou ruim em dança.

Mas o principal de tudo foi um exemplo dito por um dos integrantes do grupo Amazon *B.boy*:

Vamos Imaginar que a “dança *b.boy*” seja um trenzinho que fica rodando em círculo e você tem a escolha de colocar um “adereço” (...) porque a dança funciona em *top rock*, o *footwork*, o *freeze* e o *power move*<sup>2</sup>. O que cada um de nós coloca na nossa dança é o que deixa a “dança *b.boy*” mais interessante<sup>3</sup>.

Este exemplo foi dado em uma das reuniões em que os coordenadores resolviam falar sobre a importância da cultura *hip hop*, e sobre ser um *b.boy* completo. A respeito disso, muitos se chateavam ao saber que ao aprender alguns movimentos, algumas pessoas se consideravam *b.boys* e isso incomoda os que dançam há algum tempo.

Estudando mais a fundo, descobri também a importância de um trabalho desta cultura no meio acadêmico, afinal é uma maneira de registrar a importância do *hip hop* para que futuros pesquisadores mostrem um outro olhar sobre a cultura *hip hop*. Apesar de haver alguns trabalhos dentro da academia, me parece que nunca será o bastante, e nem será mesmo, pelo motivo de ninguém pensar igual ao outro, porém implica na colaboração de bibliografia<sup>4</sup> para outros estudantes desta área de conhecimento.

Esta pesquisa de é cunho qualitativo,

[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social [...] (Neves, p. 1, 1996).

---

<sup>1</sup> Sabor/tempero, sentimento e fluxo. O que o dançarino possui e demonstra enquanto dança.

<sup>2</sup> Movimentos básicos do *breaking*.

<sup>3</sup> Entrevista cedida em julho de 2013. Kleberson Gonçalves, *b.boy* Kleber, está no cenário da dança desde 1996 em Belém.

<sup>4</sup> Rosário, Renan dos Santos. *Power move: um caminho dançante para o movimento*. ETDUFPA, 2012. Freitas, Elaine Daniely Miranda de. *Freeze: o ápice do b.boy no breaking*. ETDUFPA, 2013.

Com o objetivo de relatar o fundamento *flavor* junto à história do *hip hop*, tendo o intuito de justificar minha busca pelo *flavor* por meio do grupo Amazon B.boy, refletir sobre o sabor que a dança proporciona aos dançarinos do Amazon B.boy e, investigar de que maneira esse sabor pode influenciar no que diz respeito a ser um *b.boy*.

Pelo fato dos membros do grupo Amazon B.boy terem contribuído para o cenário do *breaking* em Belém, escolhi trabalhar junto à eles para que esta pesquisa chegue mais perto da realidade de cada leitor. Com a realização de entrevistas feitas desde novembro de 2012, venho absorvendo o que a dança *breaking* significa para eles. Em 2013 comecei a ir aos treinos, que acontecem todos os sábados, sempre de 14h às 18h, na escola Vilhena Alves.

Para chegar aos treinos tive que pedir para um amigo me apresentar a um dos integrantes do grupo Amazon B.boy, para enfim conseguir comparecer nesses encontros semanais. De início, todos os sábados estava presente, depois alguns treinos foram cancelados por conta de eventos e campeonatos que o grupo participava, portanto passei um tempo sem vê-los. A partir de então, comecei a escrever o que já havia observado e a pesquisar sobre os nomes dos movimentos que eles realizavam.

Assim que os treinos retornaram comecei a explicar a alguns integrantes o motivo do meu comparecimento e, que agora precisaria muito da ajuda deles, porque desta vez já havia decidido que o *breaking* seria o ponto de partida para a minha monografia.

Iniciei a escrita sobre o que enxergava enquanto os b.boys dançavam. Posteriormente, com gravador em mãos, pedi para alguns me responderem o *que é ser b.boy?* E, assim, durante o 1º semestre de 2013, fui obtendo alguns dados importantes sobre a dança em questão.

No 2º semestre de 2013, “descobri” que além dos movimentos da dança havia os fundamentos. E ao tentar entender onde eles se encaixavam ou podiam ser notados, eu me perdi. Me perguntava “como a dança pode conter sabor? Como este elemento pode ser emitido?”. A partir disso, resolvi não parar até encontrar minhas respostas.

Para dar início à minha busca, comecei a pesquisar autores que escreveram sobre a dança *breaking*, com o intuito de encontrar algo sobre minha grande questão. Porém, não encontrava com as palavras sucintas ou diretas para enfim chegar a uma resposta, somente especulações sobre o que

haveria de ser. A partir daí, comecei a questionar os próprios dançarinos de *breaking* sobre essa questão, para então, elaborar uma resposta.

Com a ajuda de Fleury (2007), me baseio sobre a dança como trabalho e lazer para dançarinos de rua. Alves e Dias (2004) com relação aos corpos e sentidos no *hip hop*. Gariba (2007) sobre a utilização da dança como educação.

Nas seções e subseções utilizarei os movimentos do *breaking* como uma metáfora para ilustrá-los, uma maneira de enfatizar o que será abordado de forma sucinta, porém não aparecerão no decorrer do texto.

Logo na primeira seção elenco de forma sucinta a história da cultura *hip hop* nos Estados Unidos, de seus precursores e a década na qual deu partida na cultura. Em seguida abordo o histórico no Brasil, falando a respeito dos locais onde os dançarinos se concentravam para dar início às batalhas e a quem é considerado o título de pai do hip hop nacional. Na sequência, teço uma breve história a respeito desta dança ter chegado a Belém, citando alguns grupos pertencentes à cultura hip hop.

Com a ajuda de Ivan Pires, Kleber Gonçalves e Kleodon Gonçalves, personalidades que contribuíram para o cenário do hip hop em Belém, o histórico do *breaking* será contado em entrevistas cedidas por eles de maneira informal, ou seja, conversas em treinos.

Na segunda seção, enfatizo um grupo de dança *breaking*, *Amazon B.Boy*, onde realizo o objetivo desta pesquisa, elencando os participantes do mesmo. Abordo os dois projetos pertencentes a este grupo, *Kurumim Crew* e *Ananin Break*, contando o objetivo que o *Amazon B.Boy* tem com eles.

E para dar mais ênfase no quesito expressão cultural que o *breaking* possui, utilizo Fleury (2007), abordando que o *hip hop* engloba várias artes em uma cultura só. Com essa informação, questões foram levantadas, e uma pergunta surgiu: o que é ser b.boy? Deparando com essa pergunta, os dançarinos respondem de acordo com o que vivem dentro nos treinos.

Na terceira seção falo a respeito do sabor açaí, ou seja, jeito paraense de ser, que o grupo *Amazon B.Boy* possui. Em seguida, abordo um dos fundamentos que pertencem à dança *breaking*, o *flavor*, que é o objeto principal desta pesquisa. E tudo isso será elencado por meio de entrevistas realizadas com os membros do *Amazon B.Boy*, *Kurumim Crew* e *Ananin Break*, partindo do princípio: o sabor da dança de cada um.

Com a ajuda de Duarte Junior (2000) abordo o sabor que o saber possui de uma forma poética, pensando o que seria esse sabor diante desse saber que cada um procura na dança. E com a colaboração de Miller (2012) utilizando o exemplo de corpo hábil e corpo lábil, faço uma comparação com o que seria o *se fazer* e *se tornar* parte de algo com relação a cultura *hip hop* e a dança *breaking*.

E pensando nisso tudo, foi que resolvi mostrar uma visão pouco convencional no que diz respeito ao ato de apenas dançar e ser um membro de um grupo, fugindo da mesmice, o que gerou muito trabalho e paciência também, mas que não me arrependo. Apreciem!

## 1 Um *footwork* na cultura *hip hop*.



Figura 1: b.boy Kmarão executando *footwork*.  
Foto: Márcio Loureiro.

Usada aqui como metáfora, a palavra FOOTWORK (trabalho dos pés), um movimento muito conhecido da dança *breaking*, significa de forma mais literal “dançando com o pé no chão com o auxílio das mãos”, sugere ao leitor nesta seção para “começar de baixo”, ou seja, dar início à história do *hip hop* que será tratada no decorrer deste primeiro capítulo.

O objetivo aqui não é abordar a respeito de toda a história da cultura *hip hop*, e sim de relatar alguns fatores principais que identificam a sua história, ou seja, somando com o acervo desta cultura.

Devido à escassez de dados para complementar esta pesquisa, abordarei a história do *hip hop* de maneira sucinta, afinal é só uma pequena parte que cabe a mim de interesse. O relato da história a seguir, é baseado em um documentário<sup>5</sup> realizado por Eric Jones e Quincy Jones III que foi lançado no ano de 2002, entrevistando e arrecadando depoimentos por quem deu início à cultura *hip hop*. Então vamos a ela!

Na década de 70, os DJs Kool Herc e Afrika Bambaataa deram início a uma cultura que revolucionaria nas periferias dos EUA, o *hip hop*.

No bairro do Bronx (NY), um DJ jamaicano chamado Clive Campbell (Kool Herc) começou a realizar festas ao ar livre. Conhecido também por isolar

---

<sup>5</sup> Acesso fevereiro de 2015. Propriedade de Red Bull / OM Records. Pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=i6HYb9Nk5f0>

a parte instrumental do vinil, o break (pausa), para outro break constantemente, deu aos dançarinos uma maneira de intensificar alguns movimentos no momento em que fazia a pausa. Nascia aí o pai do breaking. Com a ajuda de dois manipuladores de seus aparelhos, Herc criou a base para os dançarinos, o breakbeat. A partir do nome dado a essa parte musical, o DJ Kool Herc “batizou” esses dançarinos de break boys e break girls, meninos e meninas que dançam na “quebrada” da música, os b.boys e as b.girls.

Kevin Donovan, mais conhecido como Afrika Bambaataa, é um DJ americano nascido no Bronx que fazia parte de uma temida gangue chamada Black Spades, porém percebeu que as brigas que aconteciam não levariam à nada, e foi o que ajudou a cultura hip hop a evoluir e fundar a Zulu Nation nos EUA. A Zulu Nation é uma ONG que tem como princípios a paz, o amor, a união e a diversão. A proposta é manter existente o verdadeiro espírito do hip hop.

Bambaata e Herc levantaram a bandeira da paz com essa cultura nova, o que ajudou muitas pessoas a encontrarem uma maneira de levar a vida com mais leveza. Com a organização das festas aconteciam muitas rodas de improviso, as famosas cyphers, onde cada b.boy e b.girl mostrava o que sabia fazer. No decorrer do tempo, alguns grupos se formaram e começaram as batalhas nas festas.

Com essa nova batida, um dos pilares da cultura ganhou destaque, o MC, o mestre de cerimônia. Os MCs fazem rimas improvisadas, sempre evidenciando o que acontece ao redor de todos, questões governamentais e sobre a sociedade, são exemplos dessas rimas, que também servem como protesto. Porém, os MCs, na maioria das vezes, são aqueles que animam as festas e anunciam os grupos que irão se apresentar e competir, realizar uma batalha.

Outra manifestação dessa cultura que se expandiu e ganhou nome, foi o grafite. Uma arte que, assim como o MC, tem uma forma de protesto. O grafite é uma arte com técnicas de pinturas feitas em lugares, geralmente, inusitados. DJ, MC, Grafite e *b.boy* são os quatro pilares que compõem a cultura *hip hop*. “Cada um destes quatro elementos possui características próprias, assim como sua própria história e precursores que, no entanto, são complementares e compõem a estrutura da cultura enquanto manifestação” (Rosário, p. 23, 2012). Agora vamos ao *breaking*, a dança dos *b.boys*.

O *breaking* é uma dança que possui alguns movimentos e fundamentos para ser considerado *breaking*: *footwork*, *top rock*, *freeze* e *power move* são os principais. Toda essa base para dançar *breaking* nasceu com os primeiros *b.boys* e *b.girls* da época, alguns movimentos possuem até o apelido deles e outros até pela maneira de dançar<sup>6</sup>. No decorrer dos anos foram criados outros movimentos por *b.boys* e *b.girls* da nova geração, desse modo, o *breaking* sempre se transforma, se cria e se firma cada vez mais entre os outros gêneros de dança.

Toda a manifestação cultural nasce de um processo de acontecimentos históricos e do estabelecimento de contextos que preparam o terreno e dão suporte para que essas manifestações de cunho popular passem a se expressar, seja pelo simples favorecimento de uma situação, seja pela revolta com esta determinada situação, pelo desejo de mudança de um contexto ou pela necessidade de expressão de um grupo ou sociedade (Rosário, p. 21, 2012).

E por meio de tantos outros acontecimentos a dança *breaking* junto com os pilares da cultura *hip hop* se expandiu cada vez mais pelo mundo, até que chegou ao Brasil.

### 1.1 Um *Top Rock* na cultura *hip hop* no Brasil.



**Figura 2: b.boy Kekeu executando *top rock*.**  
Foto: Márcio Loureiro

---

<sup>6</sup> Crazy Legs = pernas loucas.

TOP ROCK é um subgênero de movimento da dança *breaking* que é dançado na vertical, onde o *b.boy* mostra seu ritmo e geralmente utiliza como “aquecimento” quando começa a dançar. E é como será usado nesta seção, em forma de metáfora para falar a respeito da cultura *hip hop* no Brasil, um aquecimento para conhecer a história.

A cultura *hip hop* no Brasil começa no final da década de 70 e início dos anos 80, e a primeira manifestação desta cultura foi o *breaking*. Em um documentário encontrado na internet “Nos Tempos da São Bento”<sup>7</sup> lançado em 2010, os pioneiros da cultura da época relatam que essa manifestação deu-se em algumas partes do país (Goiânia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e vários interiores), porém o lugar mais citado, além da Praça Ramos (SP) e Galeria 24 de Maio (SP), foi a Estação de Metrô São Bento (SP), considerada o berço da cultura *hip hop* no Brasil.

Considerando a Estação de Metrô São Bento o centro da cultura *hip hop*, é necessário ressaltar que Nelson Triunfo é considerado o pai do *hip hop* nacional. De acordo com o documentário “Red bull BC One - História do *hip hop* no Brasil”<sup>8</sup>, Nelson começou a ficar conhecido nos bailes blacks do Brasil como o Homem-Árvore, por conta do cabelo Black Power. Influenciado pelos movimentos do *breaking* em 1983, Nelson Triunfo e Funk & Cia começaram a levar a dança para as ruas do centro de São Paulo, mesmo com a repressão da polícia. Em 1984, o *breaking* começou a ocupar a Estação de Metrô São Bento, foi quando se expandiu para o Brasil.

Dando continuidade aos pilares da cultura *hip hop* no Brasil, aconteceu o lançamento do primeiro disco de rap em 1988 “Kaskatas – A ousadia do rap made in Brazil” e no ano seguinte, a coletânea “Hip hop. Cultura de rua. O som das ruas” lançou os expoentes do rap nacional, a dupla Thaide e DJ Hum, com as músicas “Corpo fechado” e “Homens da lei”. Ambas retratam o cotidiano dos que vivem a cultura *hip hop* através do rap.

Durante esses acontecimentos, outros nomes foram ganhando destaques. Surgiram os irmãos grafiteiros Otávio e Gustavo Pandolfo, “OS GÊMEOS”, que com diversas técnicas de pinturas, encontraram uma conexão direta e dinâmica com a cultura *hip hop*.

---

<sup>7</sup>Acesso fevereiro de 2015. Pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=QB6ipm9cjlk>.

<sup>8</sup>Acesso fevereiro de 2015. Pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=i6HYb9Nk5f0>.

No documentário “Break Dance Brasil Metrô São Bento 1993”<sup>9</sup>, mostra um grande acontecimento para a história da cultura *hip hop* nacional, o encontro de vários grupos de dança. Dez mil pessoas se concentraram na Estação de Metrô São Bento para assistir e participar do maior festival de mostra de *breaking* no Brasil. Foi quando todas as emissoras de TV levaram para o resto do Brasil a nova dança do momento, onde jornalistas fizeram matérias com os *b.boys* para saber o que estava acontecendo.

Ao fim desse mesmo documentário, o DJ Hum comenta sobre a continuação da cultura *hip hop*.

DJ todo mundo pode ser hoje em dia, ainda mais com esses aparelhos virtuais aí que existem, simuladores. Pra fazer o grafite (...) os próprios grafiteiros trazem recursos técnicos e tecnológicos. Fazer rap, então, nem se fala. Todo mundo hoje faz. Única expressão do hip hop que é impossível (...) é o *b.boy*, é o movimento do break dance, isso é humano<sup>10</sup>.

Esse comentário do DJ Hum diz respeito aqueles que estão vivendo o hip hop hoje, que não vão passar pelas dificuldades que eles enfrentaram no início. Ao término do vídeo DJ Hum diz: “quero deixar um depoimento aqui pra nova geração... que nós deixamos tudo fácil pra vocês. Lembrem-se disso, então não desperdicem”. Vejo uma preocupação e zelo pelo o que ele diz, ter cuidado com o que foi feito com tanta dificuldades é o mínimo que os futuros dançarinos podem fazer.

Depois de conhecer um pouco da história do hip hop pelo Brasil, agora é a vez de contar um pouco da cultura em Belém. Que por meio de entrevistas com vários *b.boys* e blog darão vida à próxima seção.

## 1.2 Um *Frezze* no *breaking* em Belém.

---

<sup>9</sup>Acesso fevereiro de 2015. Pode ser encontrado em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=JgPR9nYLDDw>

<sup>10</sup> DJ Hum no documentário Break Dance Brasil Metrô São Bento 1993.



**Figura 3: b.boy Cray-z executando freeze (Air Chair).  
Foto: Brenda Nunes.**

Como metáfora também, a palavra *FREZZE*, que tem o significado de congelar, é um movimento do *breaking* usado para aumentar o grau de dificuldade na sua sequência, será usada aqui com o sentido de enfatizar a história do *breaking* em Belém.

Os grupos que estudam e promovem a dança *breakin* em Belém seguem, assim, lutando pela valorização do mesmo, contribuindo com essa mudança de perspectivas sobre a cultura das ruas, que nasce nas periferias de Belém e que vem crescendo a cada dia (Rosário, p. 42, 2012).

As informações presentes neste tópico sobre a história do hip hop em Belém estão de acordo com o blog<sup>11</sup> Estilo de Belém. Na década de 80, a Black Music também estourou em Belém e as pessoas que frequentavam as discotecas da cidade começaram a dançar. A televisão, em 1981, trouxe também os vídeos clips, o que deixou o povo de Belém querendo aprender a nova dança.

O Cine Palácio<sup>12</sup> exibiu o filme *Flash Dance*<sup>13</sup> em 1983, onde aparecem os pioneiros da cultura hip hop, o que animou mais ainda as pessoas. Outro filme que o Cine Olympia<sup>14</sup> e Cine Palácio exibiram foi o *Beat Street*<sup>15</sup>, em

---

<sup>11</sup> Acesso janeiro de 2015. Pode ser encontrado em:  
<http://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com.br/>.

<sup>12</sup> Antigo cinema de Belém, inaugurado em 1959, hoje é um templo religioso.

<sup>13</sup> Filme lançado em 1983, dirigido por Jerry Bruckheimer e Don Simpson.

<sup>14</sup> Cinema de Belém inaugurado em 1912, ainda na ativa.

<sup>15</sup> Filme lançado em 1984, dirigido por Stan Lathan.

1984, foi quando um grupo de amigos assistiu e começou a dançar, no ano seguinte formaram o grupo Electro Boys<sup>16</sup>.

Nesse mesmo ano, surgiu a Rádio Cidade Morena<sup>17</sup> e se destacou em Belém o DJ Pantera<sup>18</sup>, que promoveu a Street Dance (dança de rua) e as caravanas, um carro som que animava as praças da cidade.

As praças que concentravam os *b.boys* e *b.girls*: Centro Arquitetônico de Nazaré, no bairro de Nazaré, Praça Floriano Peixoto (Praça de São Brás) e Praça da República. As caravanas promovidas aos domingos se tornavam cada vez mais fortes, principalmente em Nazaré, Barreiro, São Brás, Telégrafo e Pedreira. O cortejo saía da Praça da República, passava pelo CAN e depois Praça de São Brás. Além do grupo Electro Boys, alguns grupos se formaram nesta época: a *Get Retard Now*, *Irmãos Breakers*, *Scorpions Break*, entre outros.

Um grupo de São Paulo, a *Sampa Crew*, fez um tour em Belém na década de 90, e o DJ Alan Beat, membro do grupo, conversou com os grupos de Belém. Nessa conversa, Alan explicou como funcionava o *breaking* na São Bento, e que quem pudesse ir até lá comprovaria o que ele estava falando. Por conta das informações trazidas pelo grupo *Sampa Crew*, em 1993 foi fundado o Movimento Hip Hop Organizado no Pará (MHOP) por Marcos Hayden, o Ninja.

Em 2000, o grafite também criou vida em Belém, com o Breno Spiro, que é creditado o primeiro grafiteiro. Alguns mutirões de grafite foram realizados: Cultura de Rua, Cores de Belém e Projeto Rede Celpa em Grafite, até 2004. Em meio a todos esses acontecimentos, a dança continuava junto com os *MCs* e outros grupos se firmavam no cenário da cultura *hip hop* em Belém.

É importante ressaltar que não existe movimento hip hop estruturado em Belém, o que ocorre na cidade são coletivos que tentam estruturar-se enquanto difusores da cultura. Todos os quatro elementos da cultura caminham na cidade, desenvolvendo seus trabalhos de maneira fragmentada (Rosário, p. 42, 2012).

Toda essa história contada por meio do blog já citado, é o início, de acordo com as fontes pesquisadas, da cultura *hip hop* na capital de Belém,

---

<sup>16</sup> Antigo grupo de break de Belém.

<sup>17</sup> Edyr Augusto Proença é Jornalista, radialista e publicitário. Fundou e dirigiu a Rádio Cidade Morena, atual Jovem Pan FM.

<sup>18</sup> Edgar Marinho Ferreira, radialista conhecido em Belém como Big Pantera. Nasceu em Minas Gerais mas se destacou desde a adolescência em terras paraenses.

desde a década de 80 para os anos 2000, a partir daí muitos grupos se formaram e continuam contando a história do *breaking* por meio de seus movimentos, um deles é o grupo *Amazon B.Boy*, que apresentarei na seção a seguir.

## 2 Um Power Move no Amazon B.Boy.



Figura 4: b.boy Kleber executando um *power move (chair spin)*.  
Foto: arquivo de Kleberson Gonçalves.

O *POWER MOVE* (movimento de poder), é um dos movimentos mais difíceis da dança *breaking*, por conta do grau de dificuldade que apresenta, porém é o auge da performance do *b.boy*. Portanto, o uso da palavra Power Move aqui será como uma metáfora para enfatizar a importância da participação do grupo *Amazon B.Boy* nesta pesquisa.

O que de fato irá encontrar aqui são algumas informações básicas sobre este grupo. Citarei os participantes antigos e atuais, para obter uma média de quantitativo sobre os *b.boys* que já fizeram e fazem parte do *Amazon B.Boy*. Abordarei alguns prêmios e campeonatos que participaram, tanto nacional como internacional, e elencarei os dois projetos que pertencem ao *Amazon B.Boy*, os integrantes do mesmo e premiações obtidas por eles. Porém, a participação deste grupo é de fundamental importância para esta pesquisa, pois se trata de uma série de depoimentos que irão concretizar o que chamo de sabor açai.

Não se refere apenas ao sentido da frase em si, e sim o que ela significa tanto para o *Amazon B.Boy* quanto para mim. Dizer que o *breaking* tem sabor açai é uma maneira de exemplificar de onde este grupo vem. Ou seja, de Belém do Pará.



Figura 5: Logo Amazon B.boy criado pelo grafiteiro Espiro.

O *Amazon B.boy* é um grupo de dança *breaking* fundado em 02 de janeiro de 2006 por Ivan Pires (dançarino nos anos 80) e Kleber Gonçalves (dançarino nos anos 90). No início faziam parte os *b.boys* Kleber, Kekeu, Xuxu, Bagana, Kaká, Kmarão, Márcio; depois alguns foram compondo o grupo, como os *b.boys* Leony, Sotu, Junin, Atitude, Niel. Hoje a formação do Amazon vem se modificando de acordo com a participação dos *b.boys* nos treinos, pois quando faltam isso significa que o *b.boy* estará fora da próxima batalha (competição).

O grupo *Amazon B.Boy* já teve muitos integrantes, mas atualmente só alguns *b.boys* seguem para os campeonatos: Kekeu, Kleber, Leony, Márcio, Dhuk, Sotu, Atitude, Niel.

A escolha deste grupo para a minha pesquisa foi de modo natural. O interesse pela dança deste grupo (não que seja totalmente diferente de outros) surgiu quando visitei alguns treinos e fui fazendo amizades com os dançarinos ao longo de cada visita. A partir disso fui ganhando aos poucos a confiança deles e ficando mais à vontade para fazer perguntas sobre a vivência deles no *breaking*, mas nada programado para a minha monografia.

O *Amazon B.boy* tem um modo de treino que chamo de parceria, com relação à cultura, como os treinos são realizados aos sábados na escola Vilhena Alves (onde um dos integrantes é professor no programa “Mais Educação”<sup>19</sup>), de 14h às 18h, mas nem sempre todos os *b.boys* comparecem, alguns por estarem trabalhando e outros por falta de dinheiro.

---

<sup>19</sup> O Programa Mais Educação é uma estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino.

Em alguns sábados são realizados workshops pelos membros do grupo, outros são sessões de filmes (sobre dança) ou documentários (depoimentos de outros b.boys) sobre hip hop e treinos práticos (criação das próprias sequências).

O *Amazon B.Boy* tem muitas participações em campeonatos nacionais e internacionais, e de acordo com os b.boys do grupo: 2006, 1º lugar Gravidade Nula (RJ) e 1º lugar na Inter- ITU (SP); 2007, 1º lugar Batalha Amapá (AP), 2º lugar BOTY Brasil em Campinas (SP) e 1º lugar BOTY Brasil com Melhor Show em Campinas (SP); 2008, 1º lugar Hutuz Dulpa no Rio de Janeiro (RJ), 2º lugar Footwork no Rio de Janeiro (RJ), 2º lugar Versus em Petrópolis (RJ), 1º lugar Individual e Grupo na Batalha Amapá (AP), 2º lugar BOTY Brasil em Campinas (SP) e 1º lugar Individual em Madri (Espanha); 2009, 1º lugar Dupla na 2ª Battle of Picui na Paraíba (PB), 1º lugar no Individual, Grupo e Melhor Show no Hip hop no Meio do Mundo em Amapá (AP); entre outros.

Uma das propostas do *Amazon B.Boy* também é criar uma ONG para que os seus objetivos com a cultura *hip hop* se firmem cada vez mais na cidade de Belém. O *Amazon B.boy* é um dos grupos mais atuantes e participativos no que diz respeito a trabalhos, competições, shows, juris, oficinas e workshops. Não é um grupo que visa apenas campeonatos, é um grupo que busca repassar tudo aquilo que aprendeu quando estavam no começo de suas carreiras de dançarinos.

Diante disso, os dançarinos que participam do grupo se sentem inserido na sociedade, vivendo experiências novas e adquirindo conhecimento por meio da dança.

A dança nos grupos juvenis possibilita experiências educativas que parecem dar sentido às suas vidas naquele momento. Os jovens, nesse sentido, são agentes de produção de cultura e conhecimento, procuram enfrentar situações do cotidiano e transformar o momento vivido (Fleury, p. 39, 2007).

Dos jovens que estão ali, muitos se mostram divertido e felizes. O *breaking* para eles é a parte mais importante da semana, onde são o que realmente querem ser. Se ver parte de algo, que para os dançarinos é transformador, se torna ainda mais prazeroso fazer parte dessa cultura.

Porém,

Diante de todas as incertezas e instabilidades do tempo contemporâneo, alguns jovens buscam no tempo ocioso fugir dessa realidade, compensando em aventuras e sonhos nem sempre realizáveis. O cotidiano juvenil às vezes se apresenta como um tempo de deriva com imprevisíveis rotas incertas (Fleury, p. 39, 2007).

Apesar das dificuldades, onde parte do grupo mora em bairros periféricos, cada um sabe a realidade que vive e não se engana quanto a isso. A luta para continuar no caminho que escolheu e não ao que é induzido a seguir se torna cada vez mais frequente.

E com base nisso tudo, algumas pessoas começaram a se interessar sobre a dança, a partir daí surgem os projetos *Kurumim Crew* e *Ananin Break*. A intenção é fazer com que eles não fiquem nas ruas e nem parem de estudar, pois a cultura instiga cada um a conhecer a origem da dança que eles praticam. Então, vamos conhecer os projetos!

## 2.1 Kurumim Crew e Ananin Break.

O hip hop engloba linguagens, costumes juvenis atuais e concepções de mundo; é compartilhado com vários tipos de artes como: desenho, dança, música e poesia e que se converteu em veículo de expressão e atitude juvenil compartilhadas. Trata-se de um fenômeno amplo, complexo, de uma época específica e que mostra os acontecimentos do mundo contemporâneo. Um bem de consumo popular que constrói identidades juvenis e se expressa em espaços de sociabilidade e nos meios de comunicação (Fleury, p. 42, 2007).

A expressão dessa cultura chama atenção por envolver várias artes, e os que têm afinidade pela dança é melhor ainda. Todos que começaram a praticar o *breaking*, ou viram um grupo em uma batalha ou viram alguns vídeos. Isso implica na responsabilidade de expandir a dança por onde quer que ela seja praticada, e foi isso o que ocorreu com os participantes do Amazon B.Boy, que posteriormente ampliou para os grupos Ananin Break e Kurumim Crew.

Esses projetos surgiram no fim de 2007 e início de 2008.

O Ananin e Kurumim surgiram com o intuito de substituir os dançarinos que já existem no Amazon por dançarinos cem por cento nascidos no Amazon. A ideia de coletar b.boys que

estavam iniciando e passar o conhecimento da cultura breaking, da cultura hip hop, técnicas de dança e outras coisas (...) pra que eles crescessem já com a metodologia e esse amor, essa paixão pelo grupo (...). Não foi um projeto pra tirar os jovens da violência, das drogas, mas lógico que isso teve uma direção. Mas o intuito dos projetos sempre foi treinar novos dançarinos pra substituir os “Amazons” que cada dia que passa ficam mais velhos (...), já que a cultura breaking é limitadora por causa do esforço físico<sup>20</sup>.



**Figura 6: Logo Kurumim Crew criado pelo grafiteiro Espiro.**

Os *b.boys* que participam do Kurumim Crew são Arthur, Chaveirinho, Cold, Cray-z, Croco, Flex, Gil, Hugo, Hugo Freitas, Max, Noé, Piu-piu, Unimedson, Vírus. Os prêmios do grupo Kurumim são: 2012, 2º lugar Batalha de Castanha; 2012, 1º lugar Batalha da Guanabara, entre outros. Este grupo continua participando em batalhas regionais.

---

<sup>20</sup> Entrevista cedida em novembro de 2015. Kleberson Gonçalves, b.boy Kleber, está no cenário da dança desde 1996.



Figura 7: Logo Ananin Break criado pelo grafiteiro Espiro.

Os integrantes do Ananin Break são os *b.boys* Atitude, Jhimmy, Presuntinho, Lobinho, Kiss, Zinho, Cray-z, Biel, Negrotta, Chaveirinho, Treva, Peixe. Porém, este grupo durou apenas 18 meses, participou de duas batalhas: 2012, Batalha da Guanabara (Ananindeua) onde ficou em segundo lugar; 2012, Batalha de Santa Maria do Pará, ficando em segundo lugar na batalha de trio.

Mesmo com o término do Ananin Break, alguns *b.boys* migraram para o Kurumim Crew como uma forma de não deixar a cultura de lado e continuar dançando *breaking*.

Foi quando percebi que ser *b.boy* vai além de dançar, pois o motivo que os leva a ter mais vontade de seguir na cultura e dança é o de se superar cada vez mais, ir mais além.

Porém,

A diversidade de estímulos, de possibilidades, exige um esforço para a compreensão das visões de mundo desses atores sociais que não fazem reivindicações políticas com suas práticas, preocupam-se com valorização da estética da dança e com as vestimentas. Para alguns o objetivo é só o lazer e, para outros a meta é a profissionalização (Fleury, p. 43, 2007).

E por isso, alguns assuntos são bem pertinentes. Em uma das reuniões que participei, o *b.boy* Kleber perguntou aos demais: Por que o *breaking* ainda não consegue se firmar em Belém? As respostas foram de ideias contrárias.

Na minha opinião falta local adequado, o apoio geral da população (...), as praças estão com pistas de skate, quadra de

futsal, de vôlei, mas não tem um espaço pra dança (...), com isso a gente deixa de evoluir e ganhar espaço na cidade<sup>21</sup>.

Já parou pra pensar que naquela época os caras (os primeiros b.boys) não tinham também? (...) eles dançavam na rua, se jogavam no chão pra dançar, os policiais chegavam e diziam “para com essa música aí”. Ninguém sofreu o preconceito que eles sofreram, que o próprio Amazon sofreu<sup>22</sup>.

A conversa se complementa. Faz-se pensar nas dificuldades vencidas no passado e que se pode lutar por ela no presente. Ficar calado não adiantará. Para manter uma cultura viva devemos repassá-la, instigar o conhecimento ao outro, pesquisar sobre o que dançamos. Se não fizermos nada para ajudar a mantê-la viva, como vamos conseguir reconhecimento sobre a mesma?

Em seguida, o b.boy Kleber pergunta sobre os eventos que ocorrem na cidade, qual o principal erro do b.boy em Belém com relação a evento? Alguns concordam que é o fato dos organizadores promoverem seus nomes ou da empresa, outros falam sobre o interesse que o b.boy tem com relação a premiação. Outro motivo é sobre o convite e a hospedagem dos jurados, que não tem aonde ficar.

Ao final, o b.boy Kleber conclui dizendo:

O principal erro da gente é ir pra campeonato pra competir. Campeonato não é competição. A preocupação é dançar. Eu saio da minha casa e escolho minha roupa pensando em dançar, somente em dançar<sup>23</sup>.

Ao observar a dança de cada um, ficou bem claro que para ser um *b.boy* que executa apenas movimentos sem ter um conhecimento mais aprofundado sobre a cultura, este não passa àqueles que o assistem um sentimento em dançar, enquanto aquele que dança há mais tempo, descobre os fundamentos a cada vez que dança e entende a importância de cada elemento que compõe a cultura, mostra que para ter um bom desempenho, é preciso sentir a música, dar sabor à sua dança.

Quando pergunto para eles o que é ser *b.boy*, alguns dizem que

B.boy é mais que dançar pra mim, não é um estilo de vida, mas é uma maneira de viver. Sabe aquele ditado que diz “tudo que é perigoso é bom?” É mais ou menos assim. Tipo, a gente faz

---

<sup>21</sup> Entrevista cedida em julho de 2013. Vanderson Ferreira, b.boy Lobinho, está no cenário da dança desde 2007.

<sup>22</sup> Entrevista cedida em julho de 2013. Renan Rosário, b.boy Sotu, está no cenário da dança desde 2007.

<sup>23</sup> Entrevista cedida em julho de 2013. Kleberson Gonçalves, b.boy Kleber, está no cenário da dança desde 1996.

coisas que podemos quebrar um braço, ultrapassar o limite, saca? Mas isso é que faz a gente querer mais, aí a gente sai do treino ou de uma batalha todo ralado, com o corpo roxo ou até mesmo com ferimentos. A gente tem mais liberdade pra criar do que outras danças, tudo pode virar dança, então, isso é algo que gosto, dessa liberdade de criar movimentos<sup>24</sup>.

É a sua própria expressão corporal (...) Até 2004 eu confundia o que era *b.boy*, eu separava em top rock, *footwork*, *power move* e *freeze*, não é isso, é a união de todos. Agora, o que diferencia é o que o *b.boy* vai acrescentar na sua dança<sup>25</sup>.

Para ser *b.boy* é preciso viver às 24h do dia, é entender que não é moda, é vida e essência. Mas para que esse entendimento vá além dos treinos, é preciso explorar cada vez mais, fazendo com que essa cultura esteja ao alcance de todos, ou seja, realizando trabalhos, projetos etc., principalmente no campo acadêmico, pois as pesquisas relacionadas à cultura *hip hop* e ao *breaking*, ainda não são o suficientes para que haja uma difusão da cultura tal como ela é, de forma que a sociedade veja que os praticantes desta dança existem.

Portanto, podemos considerar que a cultura em momento algum, assim como qualquer outra, deve ser deixada de lado por quem a pratica, fazendo com que ela seja esquecida a ponto da desvalorização, afinal, é através dela que se tem todo o conhecimento. GEERTZ (1989) diz que “É tudo que há respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura”. Ou seja, se não partir dos próprios dançarinos esse respeito pela cultura, então quem dará o devido valor? Se o comportamento não diz respeito à dança, o que de fato essa cultura representa?

Diante de toda essa gama de acontecimentos, desde o início do movimento, houve mudanças no que diz respeito a se tornar um dançarino de *breaking*. O *b.boy* adquire conhecimento corporal quando pratica os movimentos nos treinos. Percebe que ao executar os movimentos, seu corpo necessita de um preparo físico, que precisa estar organizado de força, resistência e flexibilidade (para deixar o movimento limpo), para que capacite o corpo na conquista de uma nova ordem gestual na dança para realizar uma sequência.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida em outubro de 2013. André Andrade, *b.boy* Kmarão, está no cenário da dança desde 2006.

<sup>25</sup> Entrevista concedida em julho de 2013. Kleber Gonçalves, *b.boy* Kleber, está no cenário da dança desde 1996.

Em um primeiro contato com a dança, os dançarinos aprendem os movimentos e treinam até conseguir executá-los. Mas para se tornar um *b.boy* é necessário entender a cultura, a origem da dança que estão praticando e criar amor pela mesma, e juntando tudo isso, vem a compreensão dos fundamentos que ajudam os *b.boys* a demonstrarem o que estão sentindo durante sua performance.

Depoimentos de *b.boys* desde a década de 70 até a atualidade, falam o que realmente a cultura significa para cada um deles, a importância do *DJ*, do *MC* e do *Graffiti*, e como esses elementos influenciaram para eles se tornarem *b.boys*. Desse modo, quando há um conhecimento sobre a cultura, há uma modificação na forma de dançar, a partir daí, tornam-se *b.boys*. Portanto, um vídeo pode ensinar a técnica da dança, porém não a essência que o dançarino necessita para ser um *b.boy*.

Muita gente fala vou estudar, ter o conhecimento, mas não é só estudar, ter o conhecimento com uma coisa chamada consciência que é muito importante, porque para você por qualquer conhecimento no seu grande apogeu de sabedoria, você tem que ter a consciência, porque senão você não sabe o que fazer com esse conhecimento<sup>26</sup>.

Baseado em um dos fundamentos da dança *breaking* e que é de grande importância para o *b.boy*, na seção a seguir abordarei o que de fato o fundamento *flavor* significa para mim enquanto dançarina pesquisadora.

---

<sup>26</sup> Colombero Apud TRIUNFO, Nelson. Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista.

### 3 Um *Head Spin* no sabor açaí.



Figura 8: b.boy Kleber executando *power move - head spin*.  
Foto: Rio Sun.

Para dar início a esta degustação, elucidarei a importância que o *flavor* tem para esta monografia, o quão deve ser mencionado a cada vez que se perguntarem sobre o sabor de uma dança.

HEAD SPIN na dança *breaking* significa “giro de cabeça” e faz parte do subgênero de movimentos do power move, nesta seção será usado como um “mergulho” no sabor açaí de alguns *b.boys*.

A expressão “sabor açaí” vem da maneira paraense de ser, dos costumes e o jeito de levar a vida. A ideia de falar sobre o sabor açaí vem da expressão que o *b.boy* Kleber diz: “vamos dançar! Açaí, galera!”. Acredito que seja uma forma de reafirmar quem realmente são, mostrar de onde vem esse estilo de dançar o *breaking*, e até mesmo o “boa sorte” deles, que para mim é o sabor da dança de cada um.

Durante toda a pesquisa dentro da cultura *hip hop* pude perceber na convivência com os membros do *Amazon B.Boy* que fundamentos é uma junção de estado de espírito, atitudes, estilo de dança, ritmo e combinação de movimentos.

Porém, fundamentos não são movimentos, é a habilidade de entender e conectar a música e a atitude no movimento executado para enfim obter o *flavor*, portanto, os fundamentos estão por de trás da atitude, por meio de cada

movimento. Confesso que não foi fácil entender, tive que vivenciar cada treino, *cypher* e batalha<sup>27</sup>.

Numa batalha, as coisas que eu faço não são porque eu odeio meu adversário ou porque eu tenho algum sentimento de mágoa contra ele/a; elas são feitas para o simples entretenimento e divertimento da platéia. É só um infeliz, mas inevitável fato, que tudo deva ser feito por causa do adversário. Outra razão da importância da platéia é porque ela lhe dá energia (Ness, p. 6, 2013).

Os fundamentos que fazem parte do *breaking* são *flavor* (tempero/sabor), *feeling* (sentimento) e *flow* (fluxo). O tempero/sabor, o sentimento e o fluxo desta dança dependem exclusivamente de cada *b.boy* e *b.girl*. Esses fundamentos não são adquiridos de maneira rápida, vão surgindo através de treinos, com o que se entende sobre a cultura, a agilidade corporal.

Na minha visão funciona assim: o sentimento que a dança pode oferecer vem da música e do clima da *cypher*, do mesmo jeito funciona o fluxo, com o acréscimo do ritmo. E o sabor, creio que é a junção destes dois e mais o que o *b.boy* possui, ou seja, o seu estilo, seu próprio EU enquanto *b.boy*.

A partir disso, trago uma maneira diferente de olhar o fundamento *flavor*, dando a ele mais ênfase dentro da dança *breaking*, destacando o quão poético pode ser. Portanto, convido a você a degustar o sabor que este gênero de dança pode oferecer.

### 3.1 *Flavor*: o sabor da dança *breaking*

Os fundamentos, para mim, depois do que comecei a compreender, são uma combinação de preparo mental, filosofias, atitudes, estilo e ritmo. *Flavor* é o sabor na dança, é a maneira de reagir ao som, é a forma de se apresentar em público, é quem os *b.boys* e *b.girls* demonstram ser. *Flavor* é a maneira que cada dançarino se apresenta, não é apenas executar movimentos.

Em algumas de minhas leituras desenvolvi uma maneira de entender o *flavor*. Baseada nas informações dos fundamentos percebi o quanto é importante saber a respeito de si, enquanto *b.boy* e *b.girl*, para haver

---

<sup>27</sup> *Cypher* é a roda que os *b.boys* fazem para dançar e descontraír antes das batalhas. Batalha é a campeonato do *b.boy*.

transformações no próprio corpo. A respeito disso, Jussara Miller (2012) diz que

Vivenciamos, mais do que o corpo hábil, o corpo lábil, no sentido de transitório, instável e sempre em transformação, que permite ao artista cênico deixar viva e ativa a postura da investigação necessária ao processo criativo (Miller, p. 73, 2012).

A partir disso, me atrevo a usar a palavra *integrar* para definir o *fazer parte de algo* e a palavra *entregar* para a definição de *tornar-se parte de algo*, da cultura *hip hop*. Sendo assim, em minha visão de entendedora do fundamento *flavor*, o *b.boy* e *b.girl* na cultura *hip hop* e na dança *breaking* tem de se integrar e entregar para se fazer e se tornar parte de sua própria dança.

Para adquirir conhecimento, além de ouvir sobre a cultura, os dançarinos de *breaking* se propõem a estudar o que dançam para realizar uma conversa “mais profunda” com quem já dança a mais tempo e para defender a sua dança quando há críticas, chamo de se *integrar*. E depois que o *b.boy* e a *b.girl* entendem mais sobre o que dançam, começam a compor gestos novos nas suas sequências, tornando sua dança diferente e mostrando o seu EU enquanto dança, é o que chamo de se *entregar*.

Digo isso porque acredito que o sabor da dança se interioriza por meio do conhecimento da cultura *hip hop*, não apenas por executar os movimentos, mas de se fazer entendedor daquilo que se dança. Contudo, trago Duarte Junior (2000) para esclarecer ainda mais essa ideia de que

[...] o saber carrega um sabor, fala aos sentidos, agrada ao corpo, integrando-se, feito um alimento, à nossa existência. Por este viés, o sábio distingue-se do especialista, esse detentor de conhecimentos parcializados que, na quase totalidade das vezes, não se conectam às ações de seu próprio dia-a-dia (Duarte Junior, p. 16, 2000).

Quanto mais se sabe a respeito da nossa dança, mais nos entendemos como dançarinos.

Creio também, que essa maneira de lidar com suas emoções, os *b.boys* têm um poder incrível de falar com o corpo. Durante as batalhas, os grupos que estão em disputa não podem se tocar, por motivos de brigas, por conta dos gestos de xingamentos que eles fazem entre si para provocar o grupo rival

(gestos estes muito comum nas batalhas). Essa raiva adquirida nas batalhas pode tirar o foco do *b.boy* e desestabilizar sua performance, ou pode ter o efeito contrário, melhorando e ganhando a batalha. Ao dizer isso tudo, me deparo com um comentário muito pertinente que me coube de interesse, dizendo que

O gesto cênico-coreográfico na dança suscita indícios de sentido, na medida em que representa uma atitude interior que o corpo não consegue reverter em palavras. Assim, esta atitude interior pulsa para além dos limites do corpo através do movimento (Alves, p. 2, 2004).

Acredito que seja isso mesmo, o *b.boy* encontra essa maneira de falar por meio de movimentos o que sente, desde a raiva à alegria. Não importa o quanto se tente explicar por meio de palavras a emoção que a dança proporciona, os movimentos sempre pulsarão além disso.

Pensando nisso, imagino os reflexos que a dança na escola pode oferecer a um aluno enquanto entendedor do seu próprio eu, começando a partir do que se entende a respeito de educação utilizando dança como disciplina.

Entende-se que o fundamental é ser capaz de compreender a dança como uma linguagem que, para além de permear o processo de produção do conhecimento e a inserção da práxis social, prioriza não só esse processo de construção, mas também os resultados dele advindos, remetendo-os a momentos preciosos, capazes de despertar a consciência crítica de quem os vivencia (Gariba, p. 159, 2007).

Nem todos compreendem a dança como disciplina, mas veem como entretenimento. A linguagem da dança deve-se ao mesmo tempo ser ensinada e vivenciada, não digo automaticamente, mas que seja aprendida por meio da consciência crítica. A compreensão da dança no conceito de movimento é a estrada a ser percorrida, entender que a expressão do movimento existe é o destino.

[...] quando a dança estiver inserida em muitas escolas, infiltrada por todas as portas e janelas, talvez se consiga perceber os reflexos e as implicações das relações estabelecidas entre ela, a educação e a sociedade (Gariba, p. 160, 2007).

Quanto se há de relação entre a sociedade, a educação e a dança? Digo que tudo está ligado. Construir uma ligação de integração para uma prática pedagógica implica na disponibilização de cada professor. A possibilidade de expressão, sem exclusão, fornece a cada aluno uma nova chance de criar. Essa liberdade de criação serve para encontrar o educando transformador, diferente daquele que reproduz o que é pedido em sala de aula.

Entende-se também que as experiências realizadas precisam ser socializadas, debatidas e sistematizadas para que cada vez mais se tenha uma visibilidade da Pedagogia da dança, como algo que se diferencia do modelo escolar tradicional (Gariba, p. 168, 2007).

O que chama a atenção com relação à estrutura docente das escolas que pensam em aderir a dança como educação é o sentimento do “ser incapaz”, do medo. Se a ideia é concretizar um trabalho que “antigamente” era fácil trabalhar, por que pensar que a dança é difícil de ser explanada na área de conhecimento agora? Essa dúvida se dá pela confiança não depositada nos próprios licenciados na área.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que pesquisei para esta monografia foi pela curiosidade de entender o *flavor* que a dança *breaking* possui. Minha inquietação se deu mais para entender o que e como seria o sabor desta dança. Entendi que a pessoa que dança pode oferecer a quem assiste o sabor que lhe cabe, basta entender o que há por trás e como vai assimilar os movimentos e expressões que a dança proporciona.

As danças urbanas como manifestação popular possibilitaram primeiramente aos jovens da periferia uma alternativa de acessarem espaços urbanos mais centralizados. A partir da prática da dança foram incorporando hábitos, crenças e valores, construindo e apropriando-se de significados. Consumindo a dança como forma de estarem inseridos na sociedade (Colombero, p. 10, 2011).

A dança permite que os sonhos de muitos se realizem, que se sintam integrados, valorizados e, principalmente, respeitados por todos. A identidade de cada um se revela através do *flavor*, da maneira que se comportam, de

como levam a vida. Minha inquietação a respeito do fundamento *flavor* pode ser a dúvida de tantos outros. Apesar das dificuldades de encontrar uma resposta satisfatória para mim, a pesquisa me mostrou o quão árduo pode ser o processo de aprendizado da dança *breaking* para *b.boys* e *b.girls*.

Não sou uma dançarina de *breaking*, que fique bem claro, experimentei algumas aulas sim, porém sou uma mera pesquisadora de um assunto que me despertou interesse. E o fato de não ser uma *b.girl* me proporcionou algumas liberdades quanto ao estudo sobre dança, não que isso implique em quem não estudou outros gêneros, mas me ajudou bastante.

Entretanto, encontrei dificuldades para continuar, porém os amigos que conquistei nesse meio me ajudaram na colaboração para a realização desta monografia. Com a escassez de materiais sobre a dança *breaking*, espero que de alguma maneira possa ajudar a quem se dispuser a escrever sobre este assunto. Creio que esta sucinta pesquisa se firmará mais à frente, por meio de alguma especialização e/ou mestrado.

Acredito que este meu questionamento contribuirá para que futuros dançarinos de *breaking* possam entender em teoria (de acordo com a minha visão) como o *flavor* se manifesta, porém não esqueçam que o sabor da dança dependerá de cada um daqui por diante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. Labortexto, 2004.
- ALVES, F. S. **Dança de Rua: corpos e sentidos em movimento na cidade**. Rio Claro: Unesp, 2001.
- ALVES, F. S. DIAS, Romualdo. **A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop**. Rio Claro: Unesp, 2004.
- B.BOY BRASIL. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/bboybrasill/posts/338125566257726>. Acesso fevereiro 2015.
- BOTELHO, Guilherme. Documentário: **Nos tempos da São Bento**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://temposdasaobento.blogspot.com/>. Acesso fevereiro 2015.
- COLOMBERO, Rose Mary Marques Papolo. **Danças Urbanas: uma história a ser narrada**. FEUSP, 2011.
- DANÇA DE RUA. Disponível em: <http://www.dancaderua.com/>. Acesso fevereiro 2015.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Unicamp, 2000.
- ESTILO DE BELÉM. Disponível em:  
<http://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com.br>. Acesso janeiro 2015.
- FLEURY, Márcia Mathias Netto. **Dança de rua: jovens entre os projetos de lazer e trabalho**. Revista Última Década nº 27, CIDPA Valparaíso, 2007.
- GUARATO, Rafael. **Dança de rua: corpos para além do movimento (Uberlândia – 1970 – 2007)**. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- GARIBA, Chames Maria Stallivieri. **Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física**. UFCS, 2007.
- NESS, Allien. **A arte da batalha**. Disponível em:  
[http://www.google.com.br/webhp?source=search\\_app&gws\\_rd=cr#sclient=psy-ab&q=a+arte+da+batalha&oq=a+arte+da+batalha&gs](http://www.google.com.br/webhp?source=search_app&gws_rd=cr#sclient=psy-ab&q=a+arte+da+batalha&oq=a+arte+da+batalha&gs). Acessado maio de 2015.
- NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v. 1. n. 3. 2º sem, 1996.
- ROSÁRIO, Renan Santos do. **Power Move: um caminho dançante para o movimento**. ETDUFPA, 2012.

ZULUNATION. **Hip-Hop history**. Disponível em: [http://www.zulunation.com/hip\\_hop\\_history\\_2.htm](http://www.zulunation.com/hip_hop_history_2.htm). Acessado abril 2015.